

“COMPRO R\$ 20 EM CRACK PARA MEU FILHO POR DIA”

Desesperada, mãe tenta evitar que rapaz seja mais agressivo

■ **VILMARA FERNANDES**
vfernandes@redegazeta.com.br

A voz da aposentada Alice Westphal, 66 anos, já não registra sinais de alegria. Com suspiros longos e cansados, relata que passa seus dias em meio ao temor de ver seu único filho ir para a rua beber e voltar agressivo. Para evitar que isso ocorra, ela financia um outro tipo de droga, que o deixa mais “calmo”: “Todo dia compro pelo menos R\$ 20 de crack para o meu filho. Assim ele não bebe e não fica agressivo”, relata.

A convivência com um dependente químico mudou a vida de Alice. “Já não sei mais o que fazer”, desabafa a mãe, contando que além do sofrimento e dos problemas de saúde que se acumulam, viu suas finanças serem comprometidas. “Fiz muitos empréstimos para manter as drogas. Só não passo necessidade porque os vizinhos ajudam”, diz.

Um drama semelhante ao vivido por dezenas de outras famílias, segundo o Levantamento Nacional de Famílias dos Dependentes Químicos (Lenad Família), feito pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e divulgado na última terça-feira. A pesquisa apontou que ao me-



Alice espera a internação compulsória do filho, que já fugiu 13 vezes de tratamento

GABRIEL LORDÉLLO

nos 28 milhões de pessoas no Brasil têm algum familiar dependente químico.

O trabalho foi coordenado pelo psiquiatra e pesquisador Ronaldo Laranjeiras. Em entrevista à Rádio CBN Vitória, ele explicou que 80% das pessoas afetadas pelos dependentes químicos são mulheres, e 46,5% são mães. E o pior: todas têm suas atividades diárias, o psicológico e o lado profissional comprometidos. Vivem ainda com medo de

— **“Com 3 filhos usando crack, vivo com medo do que pode acontecer. Falta dinheiro para interná-los”**

— **ZENILDA BASTOS, 54**
VERDUREIRA

que o parente beba ou se drogue até morrer, ou alegam já ter sofrido ameaças do familiar viciado.

Sem contar os casos em que perdem tudo o que possuem em casa – que é vendido pelos usuários de drogas –, ou que têm suas integridades ameaçadas pela presença dos traficantes.

Laranjeiras destaca que, além do drama cotidiano, essas famílias estão praticamente abandonadas. “O Ministério da Saúde está se

omitindo, não está financiando, para os casos mais graves, a possibilidade de internação, inclusive os casos de internação compulsória”, pontuou.

O filho de Alice, Fagner, já foi internado 13 vezes e preso outras cinco. “Já fiz de tudo. Conversei com juiz, psicólogos, médicos, ninguém ajuda. Não sei mais o que fazer. Já não tenho forças”, desabafa. Seu sonho é conseguir uma internação compulsória para o filho, onde ele seja obrigado a permanecer na clínica. “É minha única esperança, porque ele sempre foge”, diz, chorando.

Um desejo alimentado também pela verdureira Zenilda Moraes Bastos, 54. Três de seus quatro filhos são usuários de crack. “Como vou pagar R\$ 900 por mês para mantê-los internados?”, questiona.

No último domingo sua situação ficou pior. Após uma briga com a esposa, que resultou em agressão, seu filho caçula acabou preso. “Onde vou arranjar R\$ 1,5 mil para pagar a fiança?”, diz a mãe, acrescentando: “minha vontade é sumir”.

gazetaonline.com.br
Confira vídeo com depoimento da aposentada Alice Westphal

SEM APOIO



“VIVEM UMA VIOLÊNCIA QUE DESESPERA”

Ronaldo Laranjeiras
Psiquiatra e pesquisador

— O perfil da família do dependente de drogas no Brasil e os transtornos causados aos parentes foi traçado pelo psiquiatra e pesquisador Ronaldo Laranjeiras. Ele observa que as famílias estão sofrendo, e não contam com o apoio de políticas públicas.

Quantos são afetados pela dependência no país?

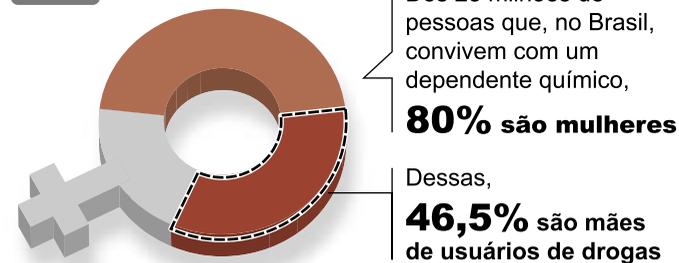
Em média, cada dependente químico convive com quatro ou mais pessoas, o que chega a um total de 28 milhões afetados pela dependência química. O que mostra que este não é um problema individual do usuário de drogas, mas da família, da sociedade.

A situação da mãe é pior?

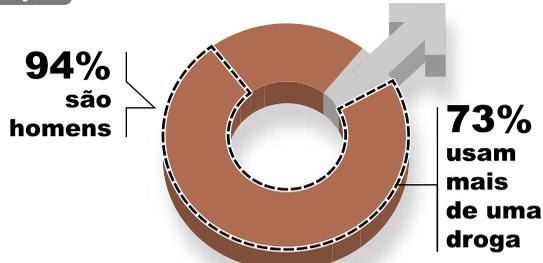
Sim. O pai desiste após um estresse maior. Em 60% dos casos a mãe está presente e é, ainda, a responsável pela manutenção da casa, por pagar o tratamento do filho e a ele dar apoio moral. São as guerreiras da recuperação. A família vive um conjunto de incertezas, violência e estresse, que beira ao desespero. É a presença de traficantes e filhos que roubam e ameaçam. E o pior, não têm para onde recorrer, não contam com apoio de políticas públicas.

ELAS SOFREM JUNTO

O PERFIL DE QUEM CUIDA:
MULHERES E MÃES



O PERFIL DO USUÁRIO:
HOMENS JOVENS



A idade média é de **31 anos**. **26,9%** têm o ensino médio completo.

A CONTA É CARA...

58% das pessoas que têm um dependente químico em casa já pagaram pelo tratamento e internação. **9%** tiveram esse custo coberto por planos de saúde. **6,5%** conseguiram ajuda no SUS. **2,7** é o número médio de internações de cada dependente. **45,4%** disseram ter as finanças drasticamente afetadas para custear o tratamento de parentes.

...E VAI ALÉM DO DINHEIRO

58% dos parentes de dependentes viram o trabalho ou o estudo serem afetados. **47%** tiveram a vida social afetada. **26%** já foram vítimas de roubos ou de perda de objetos emprestados e nunca devolvidos pelo dependente químico. **12%** já foram ameaçados pelo parente dependente químico.